

Percursos da Hegemonia Cultural Bolsonarista e a Retórica de Ódio na Realidade Brasileira Contemporânea¹

The Paths of the Bolsonarista Cultural Hegemony and the Rhetoric of Hate in Contemporary Brazilian Reality

*Celso Gabatz²
Rosângela Angelin³*

RESUMO

Esta abordagem busca descortinar uma análise da conjuntura na perspectiva das tensões relacionadas a uma guerra cultural e suas implicações no cenário brasileiro contemporâneo. Por meio de uma exposição histórica acerca das origens do termo no ambiente intelectual estadunidense, o artigo traz à tona críticas feitas ao “marxismo cultural” em suas ligações com a governança brasileira. A despeito de uma noção epistemológica bastante confusa na base das premissas delineadas pela hegemonia cultural bolsonarista, o artigo deixa evidente que as questões referidas possuem relevância semântica para impulsionar um projeto de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) –Código de Financiamento 001.

² Pós-Doutorando e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Faculdades EST, São Leopoldo-RS. Doutor em Ciências Sociais (UNISINOS). Mestre em História (UPF). Pós-Graduado em Ciência da Religião e em Docência no Ensino Superior. Graduado em Sociologia, Teologia e Filosofia.

³ Pós-Doutora pela Faculdades EST (São Leopoldo-RS). Doutora em Direito (Osnabrück, Alemanha). Professora na Graduação e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo/RS.

poder ao amplificar uma retórica que dissemina o ódio, evoca conspirações e performances escatológicas, revelando um desejo de retorno a uma ordem moralista idealizada.

PALAVRAS-CHAVE

Hegemonia; Discursos de Ódio; “Marxismo Cultural”; Moralismos.

ABSTRACT

This approach seeks to reveal an analysis of the situation in the perspective of the tensions related to a cultural war and its implications in the contemporary Brazilian scenario. Through a historical exposition of the origins of the term in the American intellectual environment, the article brings to light the criticisms made of “cultural Marxism” in its links with Brazilian governability. Despite a rather confusing epistemological notion based on the premises outlined by the bolsonarist cultural hegemony, the article makes it clear that the issues referred to have semantic relevance to promote a power project by amplifying a rhetoric that spreads hate, evokes conspiracies and eschatological performances, revealing a desire to return to a moralistic order.

KEYWORDS

Hegemony; Hate Speech; “Cultural Marxism”; Moralism’s.

Introdução

A conflagração cultural e a verborragia do ódio é um tema recorrente na realidade brasileira contemporânea. O pano de fundo desta conformação inusitada converge para uma necessidade da destruição de inimigos que teriam inventado o famigerado “marxismo cultural”. A teoria crítica, o pensamento dialético, os ideários emancipatórios e progressistas, as teorias vinculadas aos movimentos contra o racismo, o machismo, a homofobia, em última análise, serviriam a um propósito ardiloso para promover a inversão de valores essenciais à sociedade. A guerra cultural, como o próprio nome denuncia, não é apenas um embate de ordem política, cultural ou balizada por conotações democráticas. Busca-se acionar

referências culturais autoritárias que permitam fabricar o ódio, legitimar a violência e aniquilar os adversários, tornando-os inimigos a serem destruídos, simbólica e, se necessário for, até fisicamente⁴.

A pretensa hegemonia cultural esboçada pelo governo Bolsonaro se nutre do pensamento autoritário e almeja implantar um projeto de cunho autocrático. Nesse horizonte, a cultura adquire uma relevância política notável para a defesa e o aprofundamento da democracia substantiva, aquela que luta contra a desigualdade, produz o reconhecimento dos grupos oprimidos e explorados, assegura e amplia direitos, sejam eles econômicos, sociais, políticos, ambientais e culturais⁵. A verborragia do ódio adota um tom alarmista que, aliada a contenda cultural, adquire êxito ao amalgamar uma coesão social capaz de resistir a alguma realidade que se encontre em rota de colisão⁶.

A inimizade se torna paradigmática na realidade conjuntural brasileira contemporânea. Há uma desconfiança que justifica uma espécie de guerra contra as instituições. São as universidades, o conhecimento, as ciências e as artes. Se instaurou uma visão de mundo marcada pela negação do óbvio. A violência verbal, simbólica ou física, tem uma função pedagógica. A ameaça é projetada na forma de medo⁷. Os embates buscam consolidar uma hegemonia que em sentido político visa a eliminação do diferente. O discurso simplório é, em geral, (de)marcado pela publicidade da violência.

Interessa-nos, nesta abordagem, portanto, compreender certas questões pelas quais a democracia brasileira engendrou um estado de exceção⁸ e hoje se apresenta como significante vazio⁹ de um regime autoritário,

⁴ AIRES, José Luciano de Queiroz. “Gramscismo Cultural”: a ideologia neofascista brasileira. *Revista História & Luta de Classes*. Ano 16, Vol. 30, Set. 2020, p. 13-29.

⁵ SOLANO, Esther. *Crise da Democracia e extremismos de direita*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2018.

⁶ ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminho, 2021.

⁷ TEITELBAUM, B. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: UNICAMP, 2020.

⁸ PONTEL, Evandro. *Estado de exceção: estudo em Giorgio Agamben*. Passo Fundo: IFIBE, 2014.

⁹ Significante vazio faz convergir múltiplos significados em um mesmo discurso a ponto de se perder o sentido inicial pelo excesso de sentidos incorporados e assim provocar

envolvendo o poder judiciário, o poder legislativo, o poder midiático e também o religioso. Assim, busca-se desvelar por meio de uma análise conjuntural as tensões relacionadas a uma guerra cultural e suas implicações no cenário brasileiro contemporâneo, trazendo à tona críticas feitas ao “marxismo cultural” em suas ligações com a governança brasileira. Trata-se de observar o projeto presente no Brasil dentro do amplo escopo neoliberal. A ideologia não é mais apenas um véu que acoberta interesses do mercado, mas, se tornou a própria mercadoria que, na forma de discurso de ódio e desinformação tem alto poder emocional ao ser ofertado às massas¹⁰. O artigo se encontra, pois, dividido em duas partes. Em um primeiro momento são divisadas questões correlatas aos meandros de uma guerra cultural e, na sequência, entabula-se uma reflexão acerca da hegemonia reacionária bolsonarista.

1. Meandros de uma Guerra Cultural

A “guerra cultural” não nasceu com Jair Bolsonaro. Ela eclode por conta das contradições sociais e culturais pelas quais o mundo e o Brasil, em particular, passaram nas últimas décadas. As lutas pelos direitos civis, pelos direitos das mulheres, pela livre expressão das sexualidades, em favor da proteção ao meio ambiente transformaram a ação política de forma profunda em todo o mundo. Os processos de descolonização também alteraram dramaticamente o conteúdo das políticas progressistas, incorporando novos movimentos e agentes fazendo emergir novas subjetividades na cena pública.

Nos últimos anos, a perspectiva a respeito da igualdade ultrapassou o mundo do trabalho e avançou para outras áreas. O privado passou a ser, em sentido mais abrangente, também público. A natureza das lutas políticas dos movimentos antirracistas, feministas, LGBTQIA+ e ambientalistas, alterou a dinâmica de diversas instituições sociais, como as universidades,

forte adesão para um conjunto vasto e variado de indivíduos. O que estabelece a unidade não é algo positivo que as pessoas partilham, mas, a oposição a um inimigo comum. LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

¹⁰ MACIEL, Fabrício. *O Brasil-nação como ideologia: a construção retórica e sociopolítica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

as famílias, as igrejas e até mesmo as relações interpessoais, que ganharam feições mais plurais. Não foi algo simples esta incorporação de novos movimentos e reivindicações nas plataformas políticas, mas, aos poucos, se percebeu que as demandas haviam vindo para ficar¹¹.

Wendy Brown em seu livro “Nas ruínas do neoliberalismo”¹², propõe o diagnóstico de que a ascensão atual dos movimentos de direita e extrema-direita pode ser explicado pelos efeitos corrosivos do neoliberalismo às democracias liberais no Ocidente. Para a autora, estes movimentos surgem a partir das ruínas deixadas pela hegemonia neoliberal, sobretudo, a partir do final do século XX. A autora entende que o neoliberalismo não seria apenas uma forma de organizar as relações econômicas, mas, igualmente, se caracterizaria por uma racionalidade política capaz de definir formas específicas de governo e modos de socialização e individualização dos sujeitos. Por conta disso, a autora busca contribuir com a análise dos elementos e, por conseguinte, dos efeitos dessa racionalidade neoliberal com o objetivo de melhor divisar os ataques feitos à democracia, substituindo os valores de justiça social e da igualdade em detrimento de uma pretensa moralidade.

O sociólogo britânico, Anthony Giddens, por sua vez, publicou uma obra indispensável ao debate atual “transformação da intimidade”¹³. Na sua abordagem, este autor aponta para uma reconfiguração completa das relações amorosas e interpessoais em curso no Ocidente. Para ele, a sexualidade, a afetividade, as amizades, as relações amorosas entre pais e filhos ganhariam aspectos mais porosos. Este movimento renovador das subjetividades seria irresistível. O comboio das mudanças de conduta e dos comportamentos estaria passando e quem não embarcasse, seria, inevitavelmente, atropelado ou deixado para trás.

Em 1991, o sociólogo norte americano James Davison Hunter lançou um livro intitulado *Culture wars: the struggle to define America*¹⁴.

¹¹ GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Gênero”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. *Mandrágora*. Vol. 26, n. 1, 2020, p. 129-155.

¹² BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politéia, 2019.

¹³ GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

¹⁴ HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic books, 1991.

A tese central da obra estava calcada na ideia de que a divisão política tinha sido alterada nos Estados Unidos. Ele afirmava que estava se consolidando uma divisão da sociedade estadunidense a respeito de temas como o direito ao aborto, o porte de armas, a participação das igrejas no âmbito do Estado, a legalização do uso de entorpecentes, direito ao casamento para grupos LGBTQIA+. Assim, a polarização ideológica havia transformado os horizontes sociais e culturais, fazendo com que os posicionamentos ideológicos com relação a temas sensíveis ganhassem o protagonismo na disputa dos rumos do país.

A partir da leitura proposta por James Davison Hunter, os temas econômicos que dominaram a disputa política por muito tempo, agora não possuíam a mesma predominância no debate público. Outras questões acabariam por dividir as opiniões e seriam de importância equivalente aos temas econômicos. O que definiria a disputa política seria, na visão deste autor, a batalha crescente pelo controle das instituições sociais e culturais entre conservadores e progressistas. A análise de Hunter converteu-se, gradualmente, em plataforma política para os setores mais conservadores ou reacionários que consideravam estar em curso efetivamente uma “guerra cultural” nos Estados Unidos e, por extensão, no mundo¹⁵.

Houve uma apropriação política do livro de James Hunter por diversos setores da direita neoconservadora. Esta ação serviu à instrumentalização não apenas de uma visão de mundo, mas, especialmente, para inúmeras estratégias e ações políticas. A leitura dos conflitos políticos acabou sendo simplificada por conta de um ideário nos termos de uma “guerra cultural” para a qual era necessário um ativismo opositor. Para estes grupos, cada demanda progressista necessitava ser combatida em nome das tradições que definiam as bases da sociedade americana. Preservar a família tradicional, o casamento heterossexual, a hierarquia patriarcal, a desigualdade racial, seriam as tarefas primordiais. Isto significava também um combate às instituições que poderiam fomentar perspectivas progressistas como as universidades e a imprensa. Os debates públicos passam a ser mediados por uma lógica moral e religiosa que eclipsava outras questões públicas sobre a economia, a saúde e a educação¹⁶.

¹⁵ HUNTER, 1991.

¹⁶ HUNTER, 1991, p. 49.

Progressivamente, a “guerra cultural” avançou para se converter em uma estratégia de setores reacionários para a conquista do poder. Houve uma busca, cada vez mais articulada, com o propósito de silenciar grupos e desenvolver mecanismos para tornar possível instrumentos de ação política mais concretos. É preciso destacar que, a despeito das muitas pautas entabuladas, esboça-se um contexto que, entretantes, favorece muito a adesão: o aumento exponencial das desigualdades sociais operado pelo neoliberalismo é um dos fatores preponderantes. Em um país onde o fosso entre pobres e ricos aumenta drasticamente, a narrativa que responsabiliza os intelectuais, as políticas de igualdade de gênero e a equidade racial pelos males da classe trabalhadora tornou-se apelativa e, não por acaso, ganhou as condições de cativar muitos adeptos¹⁷.

As ideias difundidas no Brasil se moldam no debate público nacional a partir de elementos próprios de nossa história e conjuntura. Percebe-se um esforço para a divulgação de ideias neoconservadoras estadunidenses em sintonia com uma plataforma capaz de absorver certas peculiaridades da identidade brasileira¹⁸. Nesse processo, é fundamental observar a atuação de uma das figuras mais controvertidas da atualidade, o autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, falecido recentemente. Vinícius do Valle assim se posiciona sobre as opiniões defendidas pelo influenciador digital e ideólogo brasileiro:

[...] duas teorias conspiratórias, constitutivas da visão de difundida pelo escritor Olavo de Carvalho e que lhe servem de referência: A primeira é a teoria da hegemonia esquerdista no mundo, que postula que os valores da esquerda teriam se espalhado pela sociedade e pelas instituições e dominariam o planeta. [...] A segunda teoria é a do globalismo, que denuncia uma elite global que controlaria o mundo com base em seus valores¹⁹.

¹⁷ AVRITZER, Leonardo. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

¹⁸ SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018.

¹⁹ VALLE, Vinícius do. Ideologia, perspectivas e as bases do bolsonarismo. *Le Monde Diplomatique*. São Paulo, n. 165, abr. 2021, p. 6.

Carvalho acreditava existir uma hegemonia no campo das ideias à esquerda com o objetivo de minar a cultura ocidental. Suas posições marcadas pelo extremismo certamente ajudaram para a promoção de inúmeras teorias conspiratórias, distorções epistêmicas e os atuais negacionismos. De acordo com Denis Bergiermann, a sua postura era a de simplificar certos conceitos ou teorias e normalizar a ignorância por meio de um discurso de ódio através de uma linguagem simplória que engendrava o medo e a repulsa.

Quase toda a obra de Olavo é uma tentativa de negar a complexidade do mundo. Por trás de seus textos estruturalmente sofisticados, há ideias bem simples. Ele quer voltar no tempo, para um mundo que ele fosse capaz de entender: onde só há dois sexos (e não me venha com gênero), Newton basta (sem as incertezas e as heresias da relatividade e da física quântica), preocupar-se com o clima é assunto para São Pedro e todo mundo que não é bom é mau, e vice-versa. Um mundo cristão, de cultura clássica, sob o comando de quem parece estar no comando – melhor se for alguém bem autoritário²⁰.

O eixo articulador das principais ideias do ideólogo se consolida por meio de um grande alargamento conceitual acerca daquilo que se entende por “esquerda” e, por extensão, como “comunismo”. Faz-se um apelo para colocar a desconstrução de ambos no centro do debate político em um contexto ainda refratário a Guerra Fria. Para Carvalho o mundo estaria a reboque dos princípios comunistas que teriam criado o politicamente correto para ampliar, sobremaneira, os conflitos.

A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como inimigo eterno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de

²⁰ BERGIERMAN, Denis. O que aprendi com Olavo. *Revista Época*. Rio de Janeiro, n. 1.080, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-que-aprendi-com-olavo-23521309>. Acesso em: 25 Jan. 2022.

um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos – bem entendido: ir e tomar²¹.

Trata-se de uma lógica que, em sentido mais amplo, supõe um sistema de crenças firmado no ressentimento com impulsos esquizofrênicos. Uma narrativa que, à sua maneira, tende a ser bastante ficcional, mas, que direciona a sua interpelação para objetos e pessoas reais. Não por acaso, o protagonismo de Olavo engendrou um discurso que acabou potencializando uma crítica exacerbada aos movimentos sociais e reafirmando o negacionismo climático, uma desvalorização às universidades e às ciências, o questionamento aos direitos humanos e o ataque às mulheres, população indígenas, negras e movimentos LGBTQIA+ em um encadeamento que corroborou significativamente para a consolidação de ideais hegemônicos e reacionários, como veremos na seção seguinte.

2. A hegemonia reacionária bolsonarista

O “marxismo cultural”²² seria o equivalente direto ao “politicamente correto”. Compreendido pelas forças reacionárias como uma interdição da liberdade de expressão pública de opiniões sexistas, homofóbicas e racistas e uma estratégia para a imposição das concepções progressistas na sociedade. Trata-se de um “espantalho” a ser combatido. Emitir opiniões racistas, sexistas e homofóbicas passa a ser um ato de rebeldia²³.

²¹ ROCHA, 2021, p. 71-72.

²² O “marxismo cultural” tem sido utilizado como referência a uma profusão heterogênea de tendências vistas como progressistas: pós-estruturalismo, feminismo liberal, movimentos pela liberação sexual, entre outros. É, em geral, apresentado de forma caricatural, vulgarizada, propagandista e, não por acaso, situado no amplo espectro do marxismo (COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020a).

²³ KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

Outro “espantalho” criado pelos ideólogos conservadores e que se alinha com o “marxismo cultural”, a ideia de “ideologia de gênero”, é igualmente potencializada. De acordo com os posicionamentos reacionários, a “ideologia de gênero” seria um instrumento para (re)afirmar a inexistência do sexo biológico e induzir a homossexualidade entre as crianças, um delírio que nada tem a ver com os fundamentos epistemológicos que norteiam os estudos de gênero, mas que representa uma arma ideológica poderosa para o amplo espectro dos fundamentalismos religiosos²⁴.

A partir de concepções distorcidas como o “marxismo cultural” os grupos reacionários avançam contra os estudos culturais e científicos em uma luta para tutelar as pesquisas nas universidades, o ensino nas escolas e o repertório das exposições artísticas. Há uma crescente criminalização de investigações sobre temas concernentes às desigualdades de gênero, raça e sexualidades como estruturantes de nossa sociedade. Como ato contínuo, estes grupos ganham representação política e as teorias exacerbam maior materialidade em relação as políticas públicas que buscam cercear a livre expressão das diversas manifestações identitárias contemporâneas²⁵.

A ideia de “marxismo cultural” não chega a ser novidade no repertório da extrema-direita global e nas noções alinhadas com as convicções do bolsonarismo, em particular. No final da terceira década do século passado, Adolf Hitler, já havia incluído no glossário extremista discursos e práticas alinhadas com a expressão do “bolchevismo cultural” com conteúdos muito parecidos com a sua versão contemporânea. Hitler se inspirava e uma vertente conservadora que identificava na produção modernista uma perspectiva de decadência cultural. Foi justamente na sua obra seminal “Minha luta”²⁶, que Hitler sugeriu a junção entre o socialismo e a arte moderna. Para o ditador nazista, as produções modernistas seriam fruto de “gente degenerada”, de “artistas desvairados” que estariam “consumidos pelas ideias do marxismo”. O corolário nazista era uma mistura de racismo e anticomunismo que repercutia um suposto

²⁴ VILLAZON, Julio Cordóva. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina. In: VELASCO e CRUZ, KAYSEL & CODAS. *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

²⁵ LILLA, Mark. *A mente naufragada:* sobre o espírito reacionário. Rio de Janeiro: Record, 2018.

²⁶ HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

predomínio das ideias marxistas – produzidas por judeus – responsabilizados pelo declínio da Alemanha.

A concepção nazista de que o progresso na cultura e nas artes consistia em uma tentativa de desgastar os valores tradicionais da sociedade alemã, é bastante parecida com aquela cultivada pelos grupos reacionários na atualidade. A aversão ao desenvolvimento intelectual, uma premissa completamente distorcida a respeito dos acontecimentos e uma concepção normalizadora das desigualdades, conformam o imaginário da extremista, são forçosamente acoplados na embalagem daquilo que se entabula como “marxismo cultural”. São exemplos que se convertem em uma potente teoria da conspiração que capacita grupos para o desenvolvimento de uma aniquilação simbólica dos que pensam e agem de forma diversa²⁷.

No Brasil, as visões que unem a extrema-direita e os fundamentalismos têm um terreno fértil em uma sociedade marcada pelas desigualdades, pelo privilégio e pelas hierarquias. As ideias que se organizam em torno de uma pretensa “guerra cultural” combinada com um caldo histórico de autoritarismo e desequilíbrio de acesso a uma cidadania elementar tem raízes profundas no caso brasileiro. A pesquisadora Lilia Schwarcz afirma que a história nacional é marcada pelo autoritarismo, a violência e por múltiplas contradições socioculturais:

‘O passado nunca foi, o passado continua’ [...]. Mas é esse passado que vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim como fantasma perdido, sem rumo certo. O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparam-se na cena política brasileira²⁸.

²⁷ LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol. 37, n. 76, 2017, p. 45-65.

²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 224.

Assim, a emergência do reacionarismo como uma força política de peso no país está ligada a, pelo menos, dois movimentos: externamente, conectada com o avanço político da extrema-direita pelo mundo; internamente, como uma reação concreta aos avanços democráticos pelos quais o país passou desde a redemocratização. Na associação entre os fatores externos e internos que se conforma o pensamento reacionário contemporâneo e a versão da retórica do ódio consolidada pelo bolsonarismo.

Desde a redemocratização e a Constituição de 1988, o país passou por mudanças que, embora tímidas para alterar suas estruturas, alteraram a sua configuração social. Medidas que abriram espaço para a criação de um limitado Estado de bem-estar social. As políticas públicas desenvolvidas em alguns setores da educação, cultura e dos direitos humanos foram sensíveis para os extratos reacionários. Houve uma acolhida da diversidade e das identidades culturais, com uma ação mais proativa junto aos povos indígenas, quilombolas e mulheres, por exemplo. As mudanças facilitaram a organização de uma nova vertente política²⁹. Ela emergiu de um caldeirão de posições e interesses, aparentemente contraditórios, mas que encontrou na conjuntura as conexões e convergências, levando distintos grupos reacionários para um terreno comum: o bolsonarismo.

No cenário brasileiro, em particular, há uma amplificação e protagonismo, cada vez maior, de uma elite (em tese liberal) fomentando ideias de negação da política e financiando personagens ligados a projetos antidemocráticos, com o intuito de fustigar as forças progressistas de modo a implementar um programa econômico neoliberal. Uma massa conservadora de classe média capturada e sensibilizada por um discurso de que o sistema político estava corrompido. Um crescimento da influência política das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais desejosas para incidir no espaço público por meio de certas concepções obscurantistas. Uma corporação militar descontente com a possibilidade de revisão de seus atos praticados durante o regime de exceção. Separados, estes esses grupos talvez não teriam a possibilidade de conquistar uma maior adesão,

²⁹ MIGUEL, Luis Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2017.

mas, unidos, formaram uma coalizão capaz de projetar o avanço de um projeto autoritário como aquele descortinado por Jair Bolsonaro³⁰.

Além da conjuntura propícia, houve uma transformação importante na comunicação que deu impulso para a divulgação das ideias desses círculos reacionários. Antes mediados pelos meios de comunicação tradicionais, as posições políticas e as teorias conspiratórias que alimentam a visão de mundo conseguiam uma difusão limitada na cena pública. Através das redes sociais, as ideias reacionárias ganharam uma plataforma que possibilitou o convencimento em massa.

O problema [...] não é a incapacidade de distinguir o verdadeiro do falso [...], mas o pavor suscitado pela possibilidade de perda do mundo, acrescido do aturdimento provocado pela traição dos que se resolveram se refugiar fora dele. Quando o solo comum (tanto no sentido material quanto figurado) se encontra ameaçado, é a condição mesma de possibilidade do político que arriscamos perder; é por isso que (...) se defende que a política da pós-verdade é, na verdade, uma política da pós-política³¹.

Esta realidade impulsionada, sobretudo, no âmbito digital, não chega a ser uma estratégia original. O cientista político italiano Giuliano Da Empoli mostra em seu livro *Os engenheiros do caos*³², que os discursos da extrema-direita foram difundidos por meio de compreensão apurada de como a comunicação política mudou a partir do advento das redes sociais. Ele mostra como os especialistas em comunicação da extrema-direita usam os algoritmos para melhor formatar seus discursos e, assim, atingir os anseios específicos de cada indivíduo. É um instrumento poderoso de convencimento de massa.

Cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações [...]

³⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

³¹ COSTA, Alyne. Aqui quem fala é da Terra. In: LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b, p. 153.

³² EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.

que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores, uma mensagem sobre as regulamentações [...] que, ao contrário, protegem os animais; para os libertaristas, uma mensagem sobre o peso da burocracia [...]; e para os estatistas, uma mensagem sobre os recursos desviados do Estado de bem-estar para a União³³.

A estrutura das redes sociais funciona como uma espécie de trampolim para que grupos reacionários disseminem teorias da conspiração que ao ganhar adeptos colocam em suspeição certos instrumentos reconhecidos de produção da informação e do conhecimento como o jornalismo e a ciência. Se de um lado as redes sociais fomentam um ideal de democratização das informações do conhecimento, por outro, elas se encontram presas a um modelo que aprofunda as desigualdades e gera falsas equivalências entre a informação e as mentiras. A difusão de conteúdos falaciosos acerca do “marxismo cultural” e a da “ideologia de gênero” são um risco à democracia, mas, infelizmente, trazem lucros para as plataformas midiáticas.

A perspectiva política implantada na história recente do Brasil reforça um sentido autoritário, pois o debate democrático não comporta a dualidade “amigo-inimigo”. A democracia, conforme a observação de Chantal Mouffe, se organiza em uma lógica adversarial³⁴. A divergência de opiniões e posições é inerente ao jogo democrático, mas, o confronto democrático jamais deveria conceber a destruição física ou simbólica dos adversários. Aliás, é justamente isso que diferencia a luta pela hegemonia política que se concebe em um campo de imposição das ideias da visão que pressupõe a eliminação do outro, abrindo caminho para a violência³⁵.

A Carta Magna, o Supremo Tribunal Federal, as universidades, a educação pública, a cultura, os artistas, a imprensa e até mesmo o poder legislativo são fustigados em uma guerra, cujo final é a eliminação das diferenças no espaço público. A estratégia busca reduzir a atuação e a complexidade das demais instituições, partidos de esquerda e movimentos

³³ EMPOLI, 2020, p. 151.

³⁴ MOUFFE, Chantall. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018, p. 13-19.

³⁵ LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

sociais incluídos em uma grande teoria da conspiração onde cada uma dessas organizações são apresentadas como parte de uma articulação para implantar uma “ditadura comunista anticristã” no país³⁶.

O presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores são transformados no último bastião da “moral cristã” e dos “valores ocidentais”. Seriam, por óbvio, os únicos capazes de confrontar e derrotar este estado de coisas que se impõe no horizonte das relações sociais. A redução e a simplificação estão na base da lógica desta retórica do ódio formulada pelo reacionarismo brasileiro atual³⁷. Qualquer debate complexo é reduzido a certas simplificações destituídas de um senso básico de razoabilidade. O adjetivo “comunista” acabou se transformado em xingamento e, não raro, serve para atacar qualquer um que ouse discordar da lógica presente nas interlocuções presentes no dia a dia³⁸.

O reacionarismo brasileiro atual tem a ver com a conformação de uma série de aspectos presentes em uma classe média branca, heterossexual e economicamente remediada que viu seu *status* social ameaçado pelas políticas de inclusão e cidadania. Esta realidade também é marcada de forma direta por um fundamentalismo religioso que conflui para que tenhamos uma proliferação de ideias que enfatizem o repúdio a temas comportamentais. Trata-se de setores que se encontram com o pensamento reacionário a partir do substrato ideológico que une o moralismo e a desregulamentação econômica³⁹.

De acordo com a pesquisadora Maria Lucia Barroco⁴⁰, as formas dominantes que engendram a apologia ao anti-humanismo, ao individualismo, pessimismo e dissimulação das inúmeras contradições presentes na sociedade brasileira, servem para combater direitos sociais, reprimindo,

³⁶ DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. (Org.) *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

³⁷ SENA DA SILVEIRA, Emerson José. Cuestión religiosa y política en Brasil: Pluralidad, biopolítica y conservadurismo. *Revista Rupturas*, v. 12, 2022, p. 47-81.

³⁸ BENJAMIN, Cid; DEMIER, Felipe; ARCARY, Valério. *O ovo da serpente: a ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

³⁹ MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 32, N. 3, Set/ Dez, 2017, p. 621-647.

⁴⁰ BARROCO, Maria Lucia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadorismo e Serviço Social. *Serviço Social*. São Paulo, n. 124, Out./dez, 2015, p. 623-636.

não por acaso, formas de contestação à ordem social e aos costumes. Importa também considerar que as novas formas de sociabilidades, advindas principalmente da inserção das igrejas evangélicas nas últimas décadas, sobretudo nas periferias, são grandes agentes da difusão dos valores consignados pela meritocracia e individualização dos esforços⁴¹. Trata-se de um discurso forjado em um ambiente de violência e corrupção referindo a iminente chegada do anticristo aliado ao ideário de um possível perigo comunista.

O desprezo pela cultura é o vetor estruturante da política atual. Há um projeto em curso para um apagamento da diversidade e das diferenças em um país multicultural. Isso implica na destruição das políticas públicas desenvolvidas, mas, igualmente, na reconquista da memória olvidada pelas elites⁴². Pretende-se reescrever a história nacional, excluindo o povo como agente e retomando uma hierarquia dominante e hegemônica. Por isso, a máquina de governo comandada por Jair Bolsonaro age de forma deliberada para exacerbar o apagamento simbólico da diversidade cultural por meio de uma drástica redução financeira, o desmonte institucional e o retorno de políticas de censura e perseguição a quem não segue a lógica governamental.

Tais ações parecem ter como objetivo a destruição das estruturas capazes de desenvolver o pensamento crítico e de propor uma versão alternativa da vida. O fim da “guerra cultural” e a retórica do ódio é o extermínio do outro. É uma técnica de poder, nos termos daquilo que foi esboçado por Michel Foucault⁴³, com o objetivo do domínio autoritário. Por isso, esta imaginária hegemonia cultural bolsonarista posta em marcha no Brasil funciona como um mecanismo de desestruturação daquilo que foi sendo consolidado com muito esforço ao longo da nossa história. Nada é construído acima dos escombros. A devastação torna-se um instrumento de poder com fim em si mesmo.

⁴¹ GRACINO, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, v. 23, 2021, p. 547-580.

⁴² KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* (1): a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Considerações finais

Ao longo da história, o poder buscou a capacidade de perceber as manipulações como tarefa de intelectuais, em geral, educadores, professores e artistas. Destruir essa frente natural de resistência é uma tarefa fundamental das ideologias. Para além da perseguição, da demonização de personagens no habitual clima de caça às bruxas que rende resultados importantes, mas não resolve a questão do pensamento único e da dominação almejada pela ideologia.

A verdade é um valor sequestrado pelas ideologias que, no caso brasileiro, em particular, supõe a implosão dos preceitos elementares de convivência e sociabilidade. A destruição da verdade dá lugar a uma espécie de desinformação que se firma como novo paradigma. A informação distorcida, falsificada e ilusória, produz um ambiente no qual as pessoas são submetidas, cognitivamente e emocionalmente, e, desse modo, levadas a agir como robôs. Políticos, meios de comunicação e igrejas vêm produzindo cenas espetaculares. São imagens, cerimônias e liturgias, capazes de tocar as pessoas desprotegidas em instâncias subjetivas. Chocados diariamente por informações falsas e violentas, atingidas no plano de suas experiências, as pessoas são levadas a não exercitar o pensamento reflexivo.

O pensamento analítico é o que o cinismo visa aniquilar por completo. Não se trata de uma mentira pura e simples que poderia ser percebida por todos ou que, desmascarada, nos devolveria à verdade. Se trata de uma modificação do sentido próprio da mentira e da verdade na construção do acordo pelo qual aqueles que estão em desacordo são transformados em inimigos, perseguidos e demonizados. A retórica do ódio é a linguagem que vem caracterizando as alas mais radicais alinhadas com Bolsonaro. Ela se utiliza de ferramentas discursivas. Trata-se de uma linguagem cheia de dramaticidade e palavras de efeito. A finalidade é a eliminação do outro, o diferente ou divergente. Para tal, não raro, são utilizadas sentenças recheadas de palavrões por meio das quais se postula desqualificar os adversários. Esta verborragia sequestra tudo aquilo que não confirme as próprias convicções, em geral, radicalizadas. A palavra serve para a humilhação pública do outro e a sua consequente desumanização.

A população é levada a seguir uma ideologia autoritária por meio de processos que envolvem não só os meios de comunicação tradicionais e as redes sociais, mas, igualmente, denominações eclesiais envolvidas por teologias fundamentalistas que disseminam ideias preconceituosas, discursos de ódio e a violência religiosa, sobretudo, contra associações de matriz indígena e africana. Além disso, o ódio a algumas destas religiões se coaduna com o ódio às mulheres e às feministas, ao sexo e gênero em um cenário de uma verborragia do “gênero” que passou a ser tratado como ideologia em uma distorção sem precedentes.

A analogia descortinada pelo filósofo Giorgio Agamben⁴⁴ acerca do tempo e as suas fraturas nos dias atuais pode iluminar caminhos. Para o autor, a contemporaneidade seria como o céu da noite em sua imensa escuridão; alguns, apenas verão o escuro, outros, entenderão que por trás da escuridão existem milhares de galáxias remotas e em expansão. O pensador italiano nos lembra que contemporâneos são raros, pois conseguem ver além daquilo que está no horizonte do olhar. Ser contemporâneo é antes de tudo ter coragem ao manter os olhos fixos no escuro da época em que se vive e perceber nessa escuridão uma luz que se dirige até nós, ao mesmo tempo que parece se distanciar de nós mesmos.

Estamos diante do funcionamento de uma guerra política com o objetivo de promover a aniquilação das subjetividades e colocar à disposição o consumo fácil do ódio. A partir disso, a ação humana é controlada. A ideologia fecha as portas para um outro imaginário teórico e prático. Pensar reflexivamente se torna, cada vez mais, um ato de resistência. Se a ideologia na atual conjuntura brasileira implica uma crença sem um saber, por outro lado, mas como faceta de uma mesma realidade, há uma crença que envolve uma incapacidade de acreditar no que se sabe ou de perceber o óbvio, pois nada mais está oculto no império do cinismo.

⁴⁴ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Referências

- AIRES, José Luciano de Queiroz. “Gramscismo Cultural”: a ideologia neofascista brasileira. *Revista História & Luta de Classes*. Ano 16, Vol. 30, Set. 2020, p. 13-29.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AVRITZER, Leonardo. *Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- BARROCO, Maria Lucia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadorismo e Serviço Social. *Serviço Social*. São Paulo, n. 124, Out./dez, 2015, p. 623-636.
- BENJAMIN, Cid; DEMIER, Felipe; ARCARY, Valério. *O ovo da serpente: a ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- BERGIERMAN, Denis. O que aprendi com Olavo. *Revista Época*. Rio de Janeiro, n. 1.080, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-que-aprendi-com-olavo-23521309>. Acesso em: 25 Jan. 2022.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Politéia, 2019.
- COSTA, Iná Camargo. *Dialética do marxismo cultural*. São Paulo: Expressão Popular, 2020a.
- COSTA, Alyne. Aqui quem fala é da Terra. In: LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.
- DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. (Org.) *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade (1): a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Gênero”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. *Mandrágora*. Vol. 26, n. 1, 2020, p. 129-155.
- GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

- GRACINO, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*. Vol. 23, 2021, p. 547-580.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.
- HUNTER, James Davison. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic books, 1991.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipação e diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Vol. 37, n. 76, 2017, p. 45-71.
- LILLA, Mark. *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- KLEM, Bruna; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdei. *Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro*. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- MACIEL, Fabrício. *O Brasil-nação como ideologia: a construção retórica e sociopolítica da identidade nacional*”. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil*. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes brasileiros. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 32, N. 3, Set/ Dez, 2017, p. 621-647.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2017.
- MOUFFE, Chantall. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- PONTEL, Evandro. *Estado de exceção: estudo em Giorgio Agamben*. Passo Fundo: IFIBE, 2014.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminho, 2021.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- SENA DA SILVEIRA, Emerson José. Cuestión religiosa y política en Brasil: Pluralidad, biopolítica y conservadurismo. *Revista Rupturas*, v. 12, 2022, p. 47-81.
- SOLANO, Esther. *Crise da Democracia e extremismos de direita*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung Brasil, 2018.
- SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018.
- TEITELBAUM, B. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: UNICAMP, 2020.
- VALLE, Vinícius do. Ideologia, perspectivas e as bases do bolsonarismo. *Le Monde Diplomatique*. São Paulo, n. 165, abr. 2021, p. 6-7.
- VILLAZON, Julio Cordóva. Velhas e novas direitas religiosas na América Latina. In: VELASCO e CRUZ, KAYSEL & CODAS. *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Submetido em: 30/04/2022

Aprovado em: 20/06/2022